

Prefácio

Da imagem ao clichê, do clichê à imagem - Deleuze, cinema e pensamento traz para o leitor de língua portuguesa um fecundo diálogo entre filosofia e cinema. Nesse livro, o leitor certamente encontrará ainda não só uma análise rigorosa do pensamento de Deleuze sobre o cinema, mas também uma abordagem muito singular e própria da significação do clichê na imagem.

Diante da perspectiva de uma perda de força da imagem, cristalizada e padronizada no clichê, Rodrigo Guéron faz uma genealogia do clichê, um inventário desse mecanismo de poder que, embora essencial para a constituição da imagem - porque condensa e reorganiza toda a estrutura do pensamento -, é uma operação de poder que paralisa a própria imagem impedindo-a de fazer frente à invenção de outras formas de imagens e conseqüentemente do próprio pensamento.

Trata-se de um texto importante porque, mesmo distinguindo rigorosamente dois campos do pensamento, cinema e filosofia, promove um diálogo indispensável entre eles. Sempre fiel à filosofia de Deleuze e, principalmente, fiel ao seu próprio ponto de vista sobre o cinema, este livro vem enriquecer os debates sobre a filosofia do cinema.

Com um texto bem elaborado e de agradável leitura, a interpretação de Rodrigo Guéron é a explicitação da tese de que o clichê tem uma função de poder, nadifica a imagem, enfraquece a sua força artística. Embora, como observa Deleuze, o cinema nunca tenha deixado de se chocar

contra os poderes que contrariam sua finalidade estética, o clichê, como bem mostra Rodrigo, é um mecanismo que desloca a imagem de sua função estética para transformá-la em imagem-lei, imagem-moral, perdendo com isso o jogo da criação e destruição que caracteriza o fazer da imagem.

O predomínio da imagem congelada no clichê adquire uma função de controle. Para sustentar essa tese, Rodrigo percorre um caminho criativo, discute o cinema desde suas origens no projeto racionalista e aborda com muito cuidado os dois tipos de cinema, o clássico e o moderno. Todo esse caminho é traçado para trazer, com muita pertinência, uma nova função da imagem, uma nova política, uma nova finalidade para a arte. Desse modo o cinema deixa de estar ligado a um “pensamento triunfante e coletivo”, para dar lugar a um pensamento arriscado e singular que enfrenta a nadificação da imagem, afronta o seu esvaziamento e, em prol de novas combinações, abre-o para as revelações poderosas de outras forças e outros signos. E tudo isso com a finalidade de potencializar o pensamento e a vida.

Rosa Maria Dias

Introdução

Escrever sobre cinema e filosofia, filosofia e cinema, e fazê-lo a partir de um conceito que anunciamos logo no título deste livro, o *clichê*, tem aqui um motivo que é para nós tão filosófico quanto político. Motivo este que nos leva ao cerne da contemporaneidade, de um determinado diagnóstico que dela se faz e do qual sempre desconfiamos, qual seja, aquele que afirma que viveríamos numa “civilização da imagem”, que a imagem teria substituído a palavra, e que esta seria uma das principais explicações do fato de vivermos numa época em que as condições para o pensamento estariam esvaziadas.

Trata-se, portanto, de um diagnóstico que coloca como os grandes vilões da contemporaneidade não só o cinema, mas também todos os mecanismos de produção de imagens – e que aparece como uma espécie de senso comum, de *doxa*, de opinião rasteira e preguiçosa que prolifera exatamente no ambiente dito “intelectual” e acadêmico. Uma frase, no entanto, meio em tom de provocação, encontrada logo no início do segundo livro de Gilles Deleuze sobre cinema – *A Imagem-Tempo* –, contemplou de imediato, de forma quase que assustadoramente perfeita, a desconfiança que tínhamos (e temos) em relação a esta posição. Assim, aos que tomam a imagem como a grande inimiga do pensamento, Deleuze instiga:

*Civilização da imagem? Na verdade uma
civilização do clichê (...)*¹

Somos então levados a pensar que é o clichê – como algo que pode ou tende a acontecer com a imagem –, e não a imagem ela

¹ *L'Image-Temps* (abreviado como I. T. nas próximas referências), p. 32.

mesma, que funcionaria como uma espécie de agente esvaziador da potência do pensamento. Este é, em primeiro lugar, um pressuposto que nos permitiu escrever um trabalho de filosofia em torno do cinema, para além de todas as condenações morais e rebaixamentos ontológicos que a imagem teve na história da filosofia. Mas também é uma questão que tanto aparece no coração do cinema, quanto coloca o cinema no coração da nossa experiência da realidade. De fato, o cinema não só se apresentará como um extraordinário dispositivo produtor de clichês, porque é antes um dispositivo produtor de imagens, mas também, e justamente por isso, será um extraordinário mecanismo capaz de detectar, desconstruir e superar os clichês como um estágio de impotência da imagem e, conseqüentemente, de impotência do pensamento.²

Mas tanto como conceito filosófico, quanto como questão que diz respeito ao cinema – divisão que mencionamos apenas provisoriamente –, não existem grandes investigações sobre o clichê. É verdade que não é a primeira vez que este problema é abordado, nem que o conceito é definido para além de um uso mais ou menos cotidiano. O próprio Deleuze fala sobre o clichê, no seu livro sobre o pintor Francis Bacon, chamando a nossa atenção para o fato que a pintura moderna ter que lidar com todo o tipo de fotos e clichês que se instalariam sobre a tela antes mesmo de o pintor começar o seu trabalho.³

Já nos seus dois livros sobre cinema, *A Imagem-Movimento* e *A Imagem-Tempo*, também chamados, respectivamente, de “cinema 1” e “cinema 2”, Deleuze vai mencionar o conceito *clichê* pela primeira vez no último capítulo do primeiro livro, exatamente quando está descrevendo o que entende ser a crise do cinema “clássico”. Mas só vai definir

2 I. T., p. 218. Deleuze usa aqui tanto o termo *impuissance* quanto *impouvoir*. Ambos estão bem próximos um do outro e se referem à mesma questão; o primeiro está no texto corrente; o segundo, destacado entre aspas.

3 DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon. Logique de la Sensation*. Paris: Editions du Seuil, 2002, p. 19. Para Deleuze, é como se já não existisse uma superfície branca nas telas diante dos quais os pintores modernos se encontram. Pintar, neste caso, seria reencontrar uma potência instauradora de sentidos das imagens em meio a tantos clichês, caracterizando-se então por uma espécie de “menos”. Ou seja, pintar seria tirar das telas os seus excessos. Para Bacon, estes teriam uma relação direta com as fotos que seriam, segundo ele, “isso que o homem moderno vê”.

o conceito propriamente dito no início do seu segundo livro, *A Imagem-Tempo*, dando continuidade ao último capítulo do livro anterior e descrevendo a passagem do “cinema clássico” para o “cinema moderno”. Aí estará a definição de *clichê* que vamos utilizar como ponto de partida. Esta nos parece filosoficamente instigante, como são também instigantes as reflexões sobre o tema que o filósofo faz nas quatro ou cinco páginas que se seguem à definição do conceito. Mas, a partir de então, Deleuze não se refere mais de maneira analítica ao clichê.

Este é um fato importante já que indica a relação que teremos com Deleuze neste livro. Em primeiro lugar, sabemos que nenhum filósofo chegou sequer perto de desenvolver um estudo aprofundado do cinema como Deleuze o fez, empreendendo uma detalhada “taxonomia” das imagens cinematográficas, ou seja, uma detalhada classificação destas. Por isso a questão que aqui apresentamos só pôde aparecer a partir do pensamento de Deleuze. Além disso, ela será esclarecida à medida que inevitavelmente nos fará voltar a diversos trechos dos estudos do filósofo francês em torno do cinema, como também a alguns trechos de outras de suas obras de filosofia. Ou seja, a concepção de cinema, a partir de uma concepção de realidade, com a qual trabalhamos é, sem dúvida, a de Gilles Deleuze. Mas está inevitavelmente articulada ao pensamento de outros autores – notadamente Henri Bergson e Friedrich Nietzsche, mas não apenas – aos quais Deleuze se refere e nos faz referir.

Por isso este livro também pretende esclarecer e ensinar pelo menos os fundamentos do revolucionário pensamento que Deleuze desenvolveu não apenas sobre, mas também com e a partir do cinema. Mas os dois livros de Deleuze sobre o cinema também são um acesso possível ao pensamento deste filósofo. Para ele, cinema e realidade não são duas instâncias distintas. O cinema é, na verdade, descrito como uma possibilidade, uma potência do real. Isso não só porque, no pensamento de Deleuze, o virtual é compreendido como uma potência do ser, mas também porque o estudo que ele faz do pensamento de Henri Bergson nos apresenta todo o universo como uma espécie de “metacinema”. É neste universo, ainda a partir de